

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

AVALIAÇÃO E AUTOAVALIAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

Francisca Lúcia Soares Frade

2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba em parceria com a Secretaria de Estado da Educação da Paraíba, como um dos pré-requisitos para obtenção de grau de *especialista* em Educação.

Orientador: Alberto Edvanildo Sobreira Coura

AVALIAÇÃO E AUTOAVALIAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

Francisca Lúcia Soares Frade

Pós-graduanda

Itaporanga, PB

Outubro de 2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F799a Frade, Francisca Lúcia Soares
Avaliação e autoavaliação no ambiente escolar [manuscrito] :
/ Francisca Lúcia Soares Frade. - 2014.
30 p.

Digitado.
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da
Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2014.
"Orientação: Prof. Ms. Alberto Edvanildo Sobreira Coura,
Departamento de Departamento de História".

1. Educação. 2. Ambiente escolar. 3. Ensino-aprendizagem.
I. Título.

21. ed. CDD 370

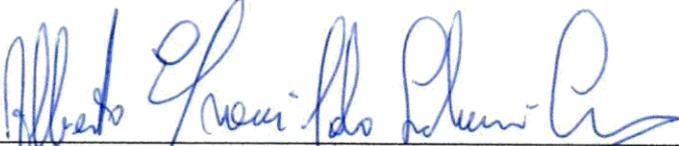
FRANCISCA LÚCIA SOARES FRADE

**AVALIAÇÃO E AUTOAVALIAÇÃO NO AMBIENTE
ESCOLAR**

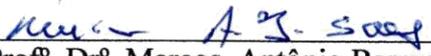
Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba em parceria com a Secretaria de Estado da Educação da Paraíba, como um dos pré-requisitos para obtenção de grau de *especialista* em Educação.

Aprovado em 17 / Maio / 2014

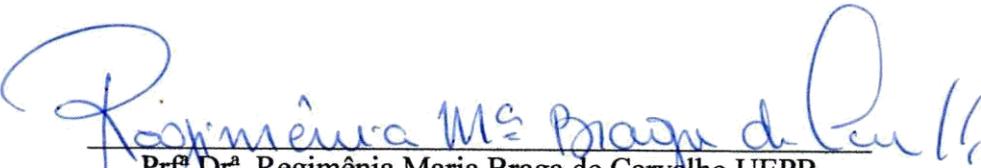
Banca examinadora



Prof.º Ms. Alberto Edvanildo Sobreira Coura -UEPB-



Prof.º Dr.º Marcos Antônio Barros-UEPB-



Prof.ª Dr.ª. Regimênia Maria Braga de Carvalho UEPB

A Deus, pela inspiração; Aos meus professores e orientador pelo incentivo; Aos meus familiares, pelo estímulo e confiança em mim depositados.

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Deus, por me permitir a existência, dando-me forças para atravessar barreiras impostas pelo cotidiano, acreditando nos meus ideais e consagrando minha vocação.

À Universidade Estadual da Paraíba, por ter disponibilizado e proporcionado a realização do Curso de Especialização.

Ao Orientador, Professor e Doutor Alberto Coura, pela dedicação, paciência, contribuição e sugestões sempre que solicitado, empenhando-se na progressão teórica e prática de cada aluno.

Aos professores do Curso de Especialização da UEPB, que ao longo do curso, contribuíram, através de conhecimentos expostos e compartilhados, para o desenvolvimento intelectual e, conseqüentemente, para facilitar o desenvolvimento e realização desta pesquisa.

A todos os meus familiares, que direta ou indiretamente me apoiaram e me incentivam a vencer mais uma etapa da minha vida, representando parte importante de minhas aspirações.

Aos colegas de classe, que sempre partilharam conhecimentos e me apoiaram nos momentos de que necessitei.

“Dê um peixe a um homem, e ele terá comida para um dia.
Ensine-o pescar, e ele terá comida para toda a vida.”

Confúcio

RESUMO

A reflexão sobre o próprio desempenho é um meio eficiente para aprender a identificar e corrigir erros. A autoavaliação é essencial para analisar o desempenho, seja do professor ou aluno, e conjuntamente com a avaliação da escola fornece subsídios para uma melhoria na qualidade do ensino. Essa monografia foi formatada em dois capítulos, o primeiro foi realizado uma revisão em que analisa a prática docente no cotidiano escolar, bem como, considera as perspectivas de mudanças relacionadas à autoavaliação, observando seus pontos negativos e os pontos positivos adotando técnicas e métodos capazes de atingir os objetivos de acordo com o paradigma adotado pelo sistema educacional, com o estudo teórico de conteúdos diversos que venham favorecer ao aluno a aquisição de conhecimentos, contribuindo para a formação de um aprendizado efetivo e reflexivo. O segundo capítulo foi realizado uma avaliação do ambiente escolar e processo de autoavaliação do docente e do discente da Escola Estadual Ensino Fundamental e Médio “Maestro José Siqueira”, situada no município de Conceição, Paraíba, através de questionários. Com os resultados obtidos buscam-se melhorias na qualidade do ensino e no processo ensino-aprendizagem. A autoavaliação de professores e alunos e a avaliação escolar quanto ao ambiente, deve ser um processo contínuo e participativo, envolvendo todas as partes, direção, professores, alunos, baseado na confiança e no trabalho em equipe.

Palavras-Chave: Autoavaliação, professor, aluno, procedimento, ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

The reflection on the performance itself is an efficient way to learn to identify and correct errors. Self-evaluation is essential to analyze the performance, whether teacher or student, and together with the school evaluation provides information for improving the quality of teaching. This monograph was formatted into two chapters, the first was carried out a review in analyzing teaching practice in everyday school life as well, considering the outlook for changes related to self-assessment, observing their negatives and the positives adopting techniques and methods to achieve the objectives in line with the paradigm adopted by the educational system, with the theoretical study of various content that may encourage the student to acquire knowledge, contributing to the formation of an effective and reflective learning. The second chapter was carried out an assessment of the school environment and self-evaluation process of teachers and students of State Elementary School and High School "Maestro Joseph Smith" in the municipality of Conceição, Paraíba, through questionnaires. With the results are sought improvements in the quality of teaching and the teaching-learning process. Self-assessment of teachers and students and the school evaluation as to the environment, should be a continuous and participatory process involving all parties, direction, teachers, students, based on trust and teamwork.

Keywords: Self-evaluation, teacher, student, procedure, teaching and learning.

SUMÁRIO

	Pág.
1. INTRODUÇÃO	08
2. REVISÃO DE LITERATURA	10
2. Autoavaliação – Um processo permanente	10
3. Como estou ensinando?.....	11
4. O que, como, e por que lecionar?.....	13
5. Avaliação e/ou autoavaliação	14
5.1 Do professor.....	14
5.2 Do aluno.....	16
6. Concepções de avaliação	17
3. METODOLOGIA	20
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
5. CONCLUSÃO	24
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26
Apêndice.....	28

1. INTRODUÇÃO

Indagações e inquietações são constantes por parte dos professores sobre: ‘ o que se avaliar? E como se avaliar? ’ o conhecimento, objetivando levar o aluno a refletir sobre o que e como se aprendeu. A autoavaliação poderá ocorrer de diversas maneiras, oral ou escrita, individual ou em grupo, privilegiando a reflexão sobre as dificuldades encontradas, os pontos obscuros, se o conteúdo foi mal entendido, se o método utilizado não foi adequado, para a partir de então, encaminhar ações concretas no sentido de trabalhar os pontos fracos, preparar aula de recapitulação dos pontos obscuros, retomando a lista de exercícios e os problemas neles encontrados. Dessa forma a autoavaliação cumpre o seu papel: o de aquisição da aprendizagem.

O conjunto de preocupações e questionamentos sobre o que e como avaliar tem sido objeto de debate no cenário educacional nos últimos tempos, cuja função da escola e da Pedagogia vem se ampliando, à medida que a sociedade e, sobretudo, os educandos mudam e o direito à educação se alarga, incluindo o direito ao conhecimento, às ciências, aos avanços tecnológicos, às novas tecnologias de informação, à cultura, às artes, à diversidade de linguagens e formas de comunicações, ao sistema de valores que regem o convívio social, à formação como sujeitos éticos e capazes de ingressar no mundo profissional e competitivo como o vigente.

O mundo atual, os vestibulares e concursos exigem de alunado uma preparação teórica elevada, um bom conhecimento interdisciplinar e um posicionamento crítico com maturidade a respeito de diferentes teorias e assuntos, uma vez que o mercado de trabalho requer pessoas capazes e competentes.

O processo de autoavaliação do professor, trabalhado de maneira equilibrada e adequada, de modo que venha a favorecer ao aluno um conhecimento real dos diversos conteúdos estudados, indubitavelmente, irá representar papel relevante na vida presente e futura, escolar e extraescolar discente, encaminhando-o a tornar-se um profissional capaz e confiante de sim mesmo.

Na escola, a autoavaliação do professor é a apreciação feita por ele dos resultados obtidos em sala de aula, desenvolvendo o senso de responsabilidade e do espírito crítico no aluno, que por sua vez, adquire um conceito mais realista sobre si mesmo, onde “a opinião

que o indivíduo tem sobre si mesmo é fundamental para o seu ajuste pessoal e social”, é o que assegura Esteves (1973).

O processo de autoavaliação docente consiste em um olhar voltado para si mesmo, um momento importante em que valores são questionados, atitudes deixadas de lado, enquanto outras são incorporadas, em busca de autoconhecimento, autocontrole, autoconfiança, numa tentativa de mudar não só a si mesmo, como também ao alunado, razão primordial pela qual a educação acontece.

A prática da autoavaliação do professor depende: do nível de aprendizagem dos assuntos trabalhados, uma vez que determinamos conteúdos são compreendidos com mais facilidade do que outros e ainda, depende das turmas com as quais o professor trabalha. Podendo haver salas em que a maioria se oferece para compreender os conteúdos, e em outra não aconteça o mesmo. Há ainda, outro fator importante que é o horário de aula. Os alunos que estudam à noite, geralmente trabalham durante todo o dia e conseqüentemente, no período noturno não têm a mesma disposição para estudar como os alunos do período diurno.

O processo de autoavaliação no ambiente escolar, dos professores e dos alunos permite desenvolver uma abordagem essencialmente qualitativa, orientada para análise dos processos e dos resultados numa perspectiva formativa, permitindo identificar as necessidades e os pontos fracos com vista a melhorá-los. Permite uma articulação com toda a escola centrada no ensino-aprendizagem, autoconhecimento, leva a reflexão sobre o próprio desempenho, dando subsídios que permite melhorar o desempenho de professores e alunos, sendo um meio eficiente para aprender a identificar e corrigir seus erros.

Este trabalho visa analisar a prática docente no cotidiano escolar, bem como, considerar as perspectivas de mudanças relacionadas à autoavaliação, observando seus pontos negativos (a serem repensados) e os pontos positivos (a serem trabalhados).

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 AUTOAVALIAÇÃO – Um processo permanente

Do ponto de vista teórico, a autoavaliação docente compreende uma prática reflexiva e investigativa dos problemas que impossibilitam a realização da aprendizagem, como ponto de partida para mudança de estratégias utilizadas em sua prática. Nessa circunstância de reflexão, são levantadas hipóteses, ações são avaliadas de forma retrospectiva como meio de identificação do problema.

Ao refletir sobre sua prática, os professores desenvolvem estratégias, reveem os objetivos a que se propunham, buscando propostas de solução que viabilizem uma participação ativa do aluno nesse permanente e contínuo processo de mudança, cuja finalidade é a constante busca do conhecimento, ferramenta essencial libertadora nos dias atuais.

A avaliação segundo Haydt (2004), sempre que possível, deve ser acompanhada da autoavaliação, pois se pretendemos que os alunos sejam ativos no processo de aprendizagem, eles também devem participar ativamente da prática de avaliar-se de maneira consciente, abrindo espaço para o professor verificar o nível geral de dificuldade das questões por ele elaboradas, distinguindo alunos com bom desempenho, dos que apresentam rendimento insuficiente, para em seguida, o docente planejar e organizar como irá proceder a recuperação, bem como qual(is) conteúdos(s) precisam(m) ser retomados(s), de maneira que, o que se aprende na escola esteja vinculado às reais preocupações dos estudantes, permitindo que os mesmos se tornem protagonistas da aprendizagem, cujas disciplinas são, conforme afirma Hernández (1998), *uma referência, um farol que assinala uma costa para orientar-se numa exploração mais ampla e incerta*.

A necessidade de selecionar e estabelecer critérios de avaliação, decidir o que, como e para que aprender, dependem de fatores como o conhecimento base que o aluno possui e disposição para aprendizagem, além das estratégias que o professor utiliza para a realização da aquisição do conhecimento, de maneira que se permita ao aluno aprender da própria avaliação, levando-o a aplicar os conhecimentos aprendidos em variadas situações, e não apenas em enunciados verbais, visuais ou numéricos. Um bom exemplo disso é o estudo em língua portuguesa de regras gramaticais de concordância ou regência nominal ou verbal, por exemplo, que o aluno deve estudar e aprender não só para a realização de

exercícios orais ou escritos, ou avaliações, mas sim, e especialmente para poder utilizá-las adequadamente em varias situações como o diálogo no cotidiano escolar ou fora dele, e ainda, nas produções textuais de vários gêneros, dentre elas, a dissertação argumentativa tão cobrada nos vestibulares cuja linguagem exigida é a língua culta, padrão, normativa, isto é, de acordo com as regras gramaticais.

A autoavaliação deve tornar-se um processo contínuo, pois se o método de avaliação atual não está coerente com a teoria que expomos em sala de aula, nem como os anseios e realidade dos alunos, é sempre tempo de rever nossos objetivos, nossas práticas, colocando-nos juntamente com os alunos como coautores do processo de aprendizagem, deixando de buscar culpados ou responsáveis pelos resultados negativos, e buscando, juntos (alunos e professores), soluções e ações imediatas que venham trazer melhorias na qualidade ensino e na aquisição de conhecimentos pelos alunos.

Seria de suma importância que o processo de autoavaliação docente fosse incorporado ao planejamento como ferramenta capaz de propiciar melhor desempenho discente no contexto escolar, sobretudo como tomada de decisões que garantissem mais autonomia e segurança nos conteúdos estudados.

É inegável a importância da autoavaliação por parte de professores e teóricos. Porém, administradores de escola apontam uma necessidade de avaliação por um supervisor, embora os professores a considerem estressante, uma vez que, para estes, não está baseada em critérios claros, onde os supervisores tentam diagnosticar suas fraquezas, fazer juízos de valor, sem estar participando ativamente da aula, sem ter contato direto com os alunos nem estar envolvido diretamente na aula.

Nikolic e Cabaj (2001) acrescentam:

Os professores ressaltam que ninguém pode julgar seus programas sem a ampla compreensão de suas aulas, seus alunos e outros fatores que só eles possuem. Com efeito, a presença de um observador altera significativamente a atmosfera da sala de aula e a situação do lecionar.

2.2 COMO ESTOU ENSINANDO?

A avaliação das nossas experiências sejam elas quais forem, parece fazer parte e acompanhar o nosso dia a dia. A todo momento, repensamos e reavaliamos frases proferidas, ações praticadas, numa tentativa de analisar se o que falamos ou fizemos foi

certo ou errado, e se por ventura enquadra neste segundo caso, procuramos encontrar os meios cabíveis de resolver nossos problemas, mudando nossas ações, e conseqüentemente, aperfeiçoando-nos à medida que o tempo passa.

Com o professor não é diferente, pois se após uma avaliação uma determinada turma não apresente bom desempenho, algumas estratégias poderiam ser trabalhadas para solucionar o problema. Nikolic e Cabaj (2001) apresentam algumas, caso um aluno durante a aula pedisse uma explicação: *Repetir a questão para todos na sala e então tratar dela; ou Repetir a questão para todos na sala e então perguntar se alguém sabe a resposta.*

E enquanto responde, o professor poderia ficar num lugar onde todos pudessem vê-lo, levando os alunos a participarem da aula, fazendo perguntas a um, e caso este não saiba a resposta, pedir a outro (ou a quem souber) que responda ao colega a pergunta feita, elogiando os que acertarem e tirando as dúvidas dos que errarem, esclarecendo a todos, porque numa sala de aula muitas vezes quando um aluno faz uma pergunta, representa a dúvida de muitos (embora nem todos tenham coragem para falar, geralmente por timidez ou com medo de ser criticado pelos colegas), fazendo-se necessário que o professor amenize as dificuldades que os estudantes possuem.

Quando se pretende melhorar a pratica de ensino com o objetivo tornar-se um profissional mais capacitado e mais seguro, decisões, julgamentos e escolhas são feitas na intenção de superar os obstáculos e entraves que impossibilitam a construção do conhecimento. Segundo Nikolic e Cabaj (2001) *nenhum profissional adquire as habilidades de um perito sem total disposição para constantemente avaliar, explorar, examinar e melhorar sua prática.* Algumas ações são decisivas para tornar a aula atraente ou repugnante, com um professor “legal” e agradável ou “chato” e arrogante. São decisões acertadas que diferenciam um professor fraco, do bom (mediano) ou ótimo (exímio profissional).

A importância da autoavaliação do professor aumentou desde a década de 50, e hoje faz parte da maioria dos sistemas educacionais como componente padrão da avaliação do desempenho do corpo docente de uma escola, elevando o nível de aprendizagem dos alunos.

O interesse na autoavaliação do professor aumenta a cada dia, visando à qualidade da execução de sua atividade, que por sua vez depende de decisões e escolhas acertadas as quais desempenham papel relevante na sala de aula. Não só a avaliação, como também a autoavaliação são componentes essenciais do processo de lecionar. E para tal, poder-se-ia

identificar muitos componentes para um ensino eficaz. No entanto, não há uma fórmula mágica que funcione para todos os educadores, pois cada um traz para a sala de aula personalidades, habilidades, preferências e aptidões únicas, peculiares, como também o fazem os alunos, cada qual com seu conhecimento de mundo, suas vivências e até mesmo seu conhecimento teórico, com maior ou menor “bagagem”, mas ambos buscando aperfeiçoar-se, conquistar novos horizontes, vencer na vida por meio do caminho do caminho mais seguro: a aprendizagem.

2.3 O QUE, COMO E POR QUE LECIONAR?

Muitos professores se autoavaliam por meio de questionários com a vantagem de que estes podem ser respondidos e suas descobertas analisadas num ambiente não constrangedor, não ameaçador. O seu objetivo é aumentar a consciência e objetividade nas respostas, cujos resultados podem ser benéficos tanto para quem ensina quanto para quem aprende. E tratando dessa relação professor/aluno, uma maneira diferente de o professor descobrir o que de fato ocorre no mundo da sala de aula, é experimentá-la como aluno.

A literatura especializada já reconheceu a eficácia da escrita e uso dos diários como propósito de autoavaliação, onde os professores podem expressar seus sentimentos acerca de sua atividade, do ambiente de trabalho, do relacionamento com os alunos, das preocupações e sucessos do cotidiano escolar.

Perguntas sobre *o que, como e por que lecionar?* São uma maneira de o professor avaliar-se, de envolver-se no processo de aprendizagem dos alunos, juntando-se ao grupo dos que se comprometem com o sucesso dos estudantes.

Nikolic e Cabaj (2001) elencam alguns benefícios da autoavaliação:

- A autoavaliação promove o aprendizado e o desenvolvimento do autoconhecimento.
- Orienta o desenvolvimento profissional e o planejamento da carreira, o que aumenta a satisfação profissional.
- Realça sentimentos de segurança no trabalho e abre as portas para o crescimento e as chances de promoção.
- Fornece aos professores armas para elevar sua consciência do trabalho e identificar áreas problemáticas.

- Assegura um trabalho sistemático e contínuo no aperfeiçoamento de padrões de ensino.
- Ajuda os professores a compreender melhor e articular os fundamentos por trás de condutas, atividades e eventos da sala de aula.

2.4 AVALIAÇÃO E/OU AUTOAVALIAÇÃO

5.1 Do professor

Primeiro, é importante avaliar o professor porque seria contraditório ao extremo avaliar e evitar ser avaliado. Tais contradições são, porém, comuns em nossa vida concreta. Por exemplo, não se pode contestar e impedir que nos contestem nem podemos querer inovar os outros sem que nós mesmos nos inovemos. Assim, um professor que foge de ser avaliado não pode avaliar, porque nega para si o que pretende fazer com os alunos. Quando questionamos os outros e impedimos que os outros nos questionem, estamos anulando nossa condição de questionar.

O professor não se reduz à competência técnica (há outras muito decisivas como competência emocional, política, pedagógica), mas é preferência fundamental. A autoridade reconhecida para avaliar provém em grande parte, de ter sido bem avaliado. Quando se convida um palestrante, este convite está muito proximamente vinculado à avaliação que se faz dele. Seria procedimento estranho e incorreto convidar um palestrante sem antes avaliar se merece ser convidado, se realmente está bem preparado para discorrer sobre o assunto que foi sugerido.

A Observando os dados de rendimentos escolar produzidos, por exemplo, pelo Sistema de Avaliação de Educação Básica (Saeb – Inep – Mec), que sugerem que a aprendizagem é péssima, somos induzidos fortemente a não só lamentar o baixíssimo desempenho dos alunos, mas principalmente a questionar o desempenho dos professores. Por certo, a baixa aprendizagem não depende apenas da escola ou do professor. Seria absurdo ao buscar explicações para os “erros”, colocar a culpa apenas nos ombros da comunidade escolar, pois há fatos externos poderosíssimos, como pobreza da família e suas crianças, políticas educacionais ineptas, desvio de recursos da educação, entre outros. Entretanto, se o aluno frequentar os 200 dias letivos previstos, não poderá, mesmo sendo muito pobre, chegar ao ano seguinte não sabendo quase nada, porque nesse caso, há um

problema com o(os) professor(es) que o orientara(m), que lhe ensinara(m) e isso precisa ser sistemática e meticulosamente avaliado, e não encoberto.

Avaliar o professor é indispensável por uma razão muito maior: cuidar do professor. Não se avalia para humilhar, excluir, maltratar, mas cuidar tanto mais e melhor. Compreende-se o medo da avaliação, porque pode facilmente desandar em arma contra o professor.

Todavia, se o objetivo é garantir a aprendizagem dos alunos, a avaliação do professor insere-se nesse mesmo objetivo. É feita em favor, não em desfavor do professor.

Na visão de Ruaro (2013)

Os sistemas educacionais, via de regra, utilizaram-se da avaliação do desempenho funcional, durante muito tempo, disfarçadamente ou não, para punir funcionários e professores. Desculpas, das mais ingênuas às mais sofisticadas eram (ainda o são) usadas para justificar transferências e acomodações de acordo com as “vontades” dos dirigentes, especialmente nos sistemas públicos de ensino.

Segundo Ruaro (2013), para se avaliar a atividade do professor, não basta avaliar o desempenho didático do saber e do ensinar, é preciso ter como ponto de partida a própria formação profissional do docente, fazendo-se necessário que esses profissionais tomem nas mãos as rédeas de sua profissão, pelo simples fato de ter um valor social dos mais significativos. Pode-se conceber o desenvolvimento profissional dos professores como um processo de desenvolvimento do conhecimento profissional (da profissão em si) e do seu “eu” profissional, rumo ao que se poderia denominar *profissionalismo*.

A profissão docente, assim como qualquer outra, exige um campo de competências, habilidades, normas, saberes, conhecimentos e valores específicos que são construídos em diferentes espaços e tempos, mas que não podem ser fragmentados. Assim, Ruaro (2013) afirma que

Avaliar o desempenho profissional dos professores implica pensar numa ação individual e organizacional a respeito desse profissional nos campos específicos de atuação, porém, tendo clareza que uma coisa é avaliar o desempenho da função docente e outra coisa é avaliar o desempenho profissional sem cair na tentação de premiação pela frequência a cursos, congressos, seminários, como se o profissional devesse ser uma máquina de busca de “diplomas” para acessar níveis de vencimentos melhores na carreira.

5.2 Do aluno

A autoavaliação do aluno cumpre sua função educativa quando este faz uma reflexão pessoal de suas conquistas, seus avanços e necessidades, observando limites e momentos de superação. Visto dessa maneira, tanto a autoavaliação como a avaliação se constituem dois instrumentos possíveis e de extrema importância para se obter informações no processo de avaliação escolar.

De acordo com Bahiense et al. (2013), no livro *Avaliação da Aprendizagem* (pela FAIBRA – Faculdade Integrada do Brasil), “*A autoavaliação pode colocar o aluno numa posição diferenciada, fazendo dele não um simples cumpridor de ordens, mas alguém que tem clareza das críticas ao seu trabalho, do domínio do seu caminhar*”.

Para que a autoavaliação ocorra da melhor maneira possível, faz-se mister que os alunos aprendam a realizá-la, mas que o professor saiba conduzi-la, de forma organizada e consciente, já que se trata de uma ação, e como tal, pode ficar comprometida, caso não haja um cuidado com o momento e a forma de sua proposição. Lembrando que o aluno deve ser o centro dessa atividade, avaliação e autoavaliação se correlacionam, e corresponde a avaliação do aluno sobre ele mesmo, sobre suas atuações, suas aprendizagens, e é preciso que o educador crie oportunidades para que isso aconteça.

Analisar os erros é um momento formador processo de aprendizagem, algo que vai muito além de contabilizar quantos acertos e quantos erros houve durante uma avaliação, numa situação de aprendizagem em que o aluno desenvolve estratégias de análise e interpretação de suas produções e dos diferentes procedimentos para se avaliar.

A avaliação seguida da autoavaliação são fundamentais para a construção da autonomia dos alunos. Essa última cumpre o papel de contribuir com a objetividade desejada na avaliação, uma vez que esta só poderá ser construída com a coordenação dos diferentes pontos de vista, tanto do aluno quanto do professor, propiciando aos alunos que depois de resolvidas as dúvidas, estudem posteriormente de maneira mais criteriosa, individual, ou uns com os outros, ampliando assim a compreensão do conteúdo e a cooperação entre seus pares.

2.5 CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO

A avaliação se faz presente em todos os domínios da atividade humana. O “julgar”, o “comparar”, o “analisar” faz parte do cotidiano, seja por meio de reflexões informais que norteiam as habituais escolhas do dia a dia (quando fazemos compras, analisamos os preços, pechinchamos, comparamos preço e qualidade do produto) ou formalmente, através da reflexão formada que define a tomada de decisões (quando finalmente decidimos comprar o produto que nos interessa, após criteriosa análise).

A avaliação escolar visa ao desempenho do aluno, do professor e de toda a situação de ensino que se realiza no contexto escolar.

Para Hoffmann (1998)

A avaliação é reflexão transformada em ação. Ação essa que nos impulsiona para novas reflexões. Reflexão permanente do educador sobre a realidade, passo a passo do educando, na sua trajetória de construção do conhecimento.

A avaliação é essencial à educação. Inerente e indissociável enquanto concebida como problematização, questionamento, reflexão sobre a ação.

Hoffmann (1998) afirma que um professor deve avaliar constantemente a ação educativa, indagando, investigando e construindo sua docência, ação passiva de mudança, e não em verdades absolutas, pré-moldadas e terminadas.

Segundo Perrenoud (1999)

A avaliação é um processo que deve estar a serviço das individualizações da aprendizagem...

Avaliar é privilegiar um modo de estar em aula e no mundo...

Avaliar é prevenir, ante ao fracasso escolar.

Na avaliação da aprendizagem, o professor não deve permitir que os resultados das provas periódicas, geralmente de caráter classificatório, sejam supervalorizados em detrimento de suas observações diárias, de caráter diagnóstico.

Perrenoud (1999) defende a ideia de que a avaliação não deve ser uma tortura medieval ou uma invenção para estigmatizar a ignorância ou deficiência de alguns e celebrar a excelência de outros.

Já Luckesi (1998) diz que

Avaliar é o ato de diagnosticar uma experiência, tendo em vista reorientá-la para produzir o melhor resultado possível; Por isso não é classificatória, nem seletiva, ao contrário, é diagnóstica inclusiva.

A avaliação é uma investigação que se caracteriza por trabalhar com a qualidade do fenômeno que estuda, ou seja, investigação sob a ótica de sua qualidade.

Conforme Luckesi (1998), avaliar é um ato de investigar. Contudo, o objeto da investigação em avaliação se difere de outras investigações científicas, mas deve sempre ter como foco de investigação a qualidade que emerge das características da realidade, e não apenas, sua constituição e operação.

Perrenoud (1999), trabalhando o tema *Avaliação da Aprendizagem*, estabelece uma comparação entre duas concepções de avaliação: a Tradicional e a Nova:

Tradicional

Avaliar rapidamente, no estágio do planejamento das provas, sua composição, sua correção, a determinação de gabaritos, a atribuição de notas. Conduzir claramente as inevitáveis negociações com certos alunos ou seus pais; **Avaliar** mantendo a aparência da imparcialidade, da seriedade, do rigor compreensivo (ser severo, mas justo, às vezes indulgente!); **Servir-se** do sistema de avaliação para obter a cooperação dos alunos e seu respeito ao contrato didático.

Avaliar de modo a tranquilizar ou mobilizar os pais, mantendo-os distantes da gestão da classe; **Conservar** uma rotina de avaliação para além das mudanças de currículo e dos discursos reformistas do sistema; **Utilizar** a avaliação para modular a progressão no programa de maneira a sair-se bem no fim do ano; **Manter** o nível dos alunos e as taxas de repetência, de evasão ou de reprovação nos limites “razoáveis”; **Limitar** as dúvidas ou a culpa que frequentemente acompanham a avaliação.

Nova

Analisar precisamente os objetivos de um ano ou de um módulo de ensino; **Ter** consciência das noções trabalhadas, das aprendizagens priorizadas e do que foi deixado de lado – por falta de tempo ou de interesse – e não pode, portanto, ser convenientemente avaliado; **Servir-se** da avaliação para diagnosticar as dificuldades individuais e remediá-las rapidamente através de uma pedagogia diferenciada ou do apelo a professores de apoio ou de outros intervenientes externos;

Fazer o balanço preciso dos conhecimentos essenciais, para testar o nível dos alunos em fim de curso, quando estes pretendem um título ou o acesso à classe superior ou, ainda, a uma outra escola. **Permitir** aos pais compreenderem e acompanharem o progresso do seu filho, sem levá-los a um excesso de especialização; **Dar** aos alunos a oportunidade de se autoavaliarem ou de participarem em sua avaliação.

Cabe ao professor, usar de bom senso e compreender que o aluno não pode ser apenas espectador de sua avaliação. Isso significa admitir que qualquer prática escolar deve incluir a dimensão da outra avaliação. Não se pode dispensar o olhar do aprendiz sobre seu próprio processo de aprendizagem. Ninguém deve dispensá-lo de, ele próprio, voltar-se para as atividades ou produções apresentadas, a fim de ponderar sobre as condições de sua qualidade.

Não faz sentido dispensar o próprio aluno desse papel de avaliador e eximi-lo de ser capaz de julgar a adequação de seu desempenho.

Nas escolas, a avaliação que mais se destacou foi a pontual, feita nos dias de prova, nos dias de exame para atribuição de notas. O erro ganhou no universo escolar, um lugar de destaque.

Dessa forma, avaliar passou a ser identificado como tarefa de correção, de maneira que, os alunos quando querem saber se já foram avaliados, perguntam sobre se as provas já foram corrigidas. De fato, o ato de corrigir implica, naturalmente, o erro, pois ninguém corrige o que está certo. Ou seja, professor e aluno já assumiram o contrato de se fixarem no erro, naquilo que precisa ser corrigido, que constitui uma violação.

Nessa perspectiva de apenas focalizar o erro, professor e aluno perdem a oportunidade de perceberem também o que já foi aprendido, o que já pode ser testado como competência desenvolvida.

Portanto, a avaliação é uma estratégia fundamental no decorrer de qualquer realização. Quando ela está totalmente vinculada à Educação, incumbe-se de valores que merecem ser destacados e que norteiam a complexidade nela existente.

De fato, criou-se uma cultura seguida por muitos docentes, em que a avaliação é um momento para se destacar erros, totalmente desvinculado da prática social. Interessante é observar que, se por um lado a escola não tem culpa, esta muito recai sobre o aluno por não saber, por exemplo produzir um texto, ou fazê-lo de maneira vergonhosa. O que acontece é que os discentes são conduzidos a, no caso dos textos, fazê-los de forma mecânica, ou seja, tudo é elaborado por meio de uma forma pronta na qual os professores apresentam a maneira “adequada” para a formalização de um bom texto, justificando que não se deve usar períodos longos, que se deve evitar repetição de palavras e estar sempre a tento às regras de concordância, regência, colocação, crase, entre outras, esquecendo-se de algumas bases linguísticas sociodiscursivas e textuais como coerência, coesão, e elementos textuais extratexto, que são responsáveis pela concatenação finalizadora e inteligível para se conduzir um bom texto.

Portanto, não existem e, por isso, não se devem dar fórmulas prontas ao aluno; Faz-se necessário que este construa seus textos intercalando-os com seus conhecimentos, buscando, no seu mundo de leitura, argumentos que enriqueçam a tessitura estrutural na sua produção escrita.

2. METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido na Escola Estadual Ensino Fundamental e Médio “Maestro José Siqueira”, situada no município de Conceição, Paraíba, localizada à Rua Padre Manoel Otaviano, Centro, Conceição-PB e única Estadual a funcionar o ensino médio nesta cidade.

Foi realizada uma análise dessa instituição no exercício de 2013 através dos arquivos da escola. É uma abordagem qualitativa do objeto a ser estudado, o ambiente escolar e processo de autoavaliação do docente e do discente. A coleta de dados realizou-se por meio do preenchimento de questionários que foram entregues aos alunos e aos professores de forma aleatória.

Os questionários, relativo ao ambiente escolar, alunos e professores (Apêndice A), foram aplicados no mês de março de 2014. Posteriormente, as análises foram realizadas qualitativamente, fazendo-se comparações entre os resultados dos grupos estudados, buscando embasamento no referencial teórico construído ao longo da pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o ano letivo de 2013 estavam matriculados na Escola Estadual Ensino Fundamental e Médio “Maestro José Siqueira” setecentos e oitenta e quatro alunos. O índice de evasão foi de duzentos e cinquenta e sete (32,78%), pode-se considerar elevado, sendo cento e vinte e quatro masculinos e cento e trinta e três femininos. O número de aprovados foi considerável: quatrocentos e oitenta e sete, sendo cento e setenta e cinco masculinos e trezentos e doze femininos; enquanto os reprovados foram trinta e três no total, com vinte masculinos e treze femininos.

A escola conta com dezessete salas de aula, uma equipe de aproximadamente cinquenta professores e trinta funcionários, entre efetivos e prestadores, e ainda com duas vice-diretoras.

Quadro 1. Avaliação escolar quanto ao ambiente (%)

Avaliação	Ótimo	Bom	Regular	Péssimo
Espaço físico da escola	-	30	70	-
Merenda escolar	-	60	30	10
Mterial de expediente (folhas, xerox de documentos e atividades dos alunos)	-	-	30	70

Em relação aos espaços físicos (banheiros, auditório, biblioteca, laboratórios de informática e de química, cantina, sala de multimídia), 100% responderam que alguns funcionam e outros não.

A avaliação, sempre que possível, deve ser acompanhada da autoavaliação, pois se pretendemos que os alunos sejam ativos no processo de aprendizagem, eles também devem participar ativamente da prática de avaliar-se de maneira consciente (Haydt, 2004).

A avaliação e autoavaliação da escola, professor e aluno deve ser um processo contínuo e participativo, envolvendo todas as partes baseado na confiança e no trabalho em equipe. Deve estar intimamente ligado aos objetivos globais da escola, no apoio ao processo ensino-aprendizagem, envolvendo direção, professores, alunos e pais.

Pelo ponto de vista dos alunos, o ambiente da sala é adequado, conta com carteiras e cadeiras em bom estado de conservação, lousa, birô para os professores, janelas, tornando a sala arejada e ventiladores. Quanto aos professores, apenas 40% são assíduos, nem todos utilizam livros didáticos, mas todos os alunos gostam do método utilizado em sala de aula. Como estudante, 80% procuram cumprir com todos os afazeres escolares e 20% não cumpre. Apenas 20% do alunado são participativos em sala de aula, respondendo a perguntas ou tirando dúvidas com o professor quando necessário, 30% não participa da aula por timidez ou por não compreender o assunto e 50% procura colaborar, sempre que possível, com seus colegas. Em relação à sala e o ambiente escolar, os alunos são conscientes e 75% procuram preservar o ambiente da sua sala e da escola e 25% não se preocupam em preservar, já que essa tarefa é de gestores e funcionários.

A reflexão sobre o próprio desempenho é um meio eficiente para o aluno aprender a identificar e corrigir seus erros. Nesse caminho, o papel do professor é essencial (Bibiano, 2010). Assim como, a percepção sob ponto de vista do aluno do professor e do ambiente escolar fornece subsídios para que possa ser avaliadas medidas para melhorar condições negativas.

A autoavaliação do aluno tem por objetivo levar o estudante a confrontar seu desempenho com o que se esperava e agir para reduzir ou eliminar essa diferença (Bibiano, 2010). A autoavaliação do professor revelou bons resultados, onde todos eles identificam-se com a turma, 66,67% planejam suas atividades para sala de aula, 60% utilizam com frequência os recursos como biblioteca, sala de multimídia e de informática. Em relação aos alunos, 80% dos professores dizem sorri, para que eles se sintam mais à vontade, mais confiantes e mais próximos e 20% nunca sorri, para não perder o respeito dos alunos. Tem-se uma boa relação entre os colegas de profissão, já que colegas de profissão 100% compartilham, trocam ideias e materiais entre si. Quanto à atividade extraclasse (realização de eventos, festas culturais, projetos da escola) 80% participam e tentam sempre se encaixar em alguma atividade e 20% só participam quando convidados. Quanto à direção, todos se sentem à vontade e sempre que necessário, procura-o (a) para ajudar a resolver problemas quando surgem. Quanto ao conteúdo programático, 80% segue o programa de acordo com o planejamento anual e 20% modifica caso seja necessário em função do grau de dificuldade ou conhecimento da turma. Quanto à assiduidade 60% é sempre pontual, não só no horário de aula como também no cumprimento das atividades bimestrais e 40%

nem sempre é pontual com as aulas. Foi observado que todos eles sentem-se feliz como professor e não queria outra profissão.

Assim como a avaliação e a autoavaliação devem andar de “mãos dadas”, também o ensino e a aprendizagem devem estar juntos, e ambos, trabalhados em conjunto com professores e alunos, razões pelas quais a educação acontece, sempre com o compromisso de oferecer à sociedade jovens envolvidos com a educação, com o trabalho, com a sociedade. E o resultado de tudo isso será um futuro mais justo, promissor, mais igualitário.

Com esta avaliação e autoavaliação busca-se difundir os resultados, para que todos tenham acesso as informações obtidas, e busquem melhorar as condições, ambiente escolar e qualidade no ensino. Tais resultados podem levar a articulações por parte de todos buscando melhorias.

4. CONCLUSÃO

A avaliação é um tema que perpassa todo o processo educacional e constitui-se ainda em uma grande interrogação para os profissionais da Educação. Para desmistificar este nó que é a avaliação, faz-se necessário enfatizar que o processo avaliativo deve ocorrer paralelamente ao desenvolvimento das aprendizagens dos educandos. Os registros oficiais dos conceitos ou notas sobre o desempenho bimestral, trimestral ou semestral dos estudantes são momentos em que o professor evidencia o caminho percorrido pelo educando dentro de determinado espaço de tempo. Mas esse registro, e o que foi observado, não são suficientes para a promoção da aprendizagem.

Na avaliação escolar, é preciso enfatizar momentos distintos: observação, análise e compreensão de estratégias de aprendizagem, bem como a tomada de decisão favorável ao desenvolvimento do educando. Então, é relevante a intervenção do professor em decorrência da análise da atividade realizada. Essa opção é a ponte para que ocorra a superação intelectual, ou seja, a aprendizagem efetiva.

A autoavaliação deve sempre ser trabalhada em consonância com a avaliação. A educação atual requer um professor ativo, dinâmico, envolvido e preocupado com o desempenho e aprendizagem do aluno, fazendo com que este se sinta apto a aprender, descobrir, transformar o mundo que o cerca e ser transformado por ele.

Há sem dúvida, diferentes maneiras de o professor autoavaliar-se, sempre na tentativa de qualificar-se, de melhorar o que precisa ser mudado, aperfeiçoar-se continuamente, não deixar de se perguntar “como estou ensinando?” para não cair na mesmice, nem vangloriar-se e achar que está “perfeito”, porque durante toda a vida estamos sempre aprendendo, especialmente quando lidamos com mundos tão distintos e tão curiosos como os dos estudantes. Percebe-se que o trabalho quando contínuo permite o acompanhamento e o desenvolvimento do aluno de forma progressiva e promissora.

Como docentes, devemos estar abertos às críticas, pois são elas que nos levam à reflexão, a ponderar se o que estamos ensinando realmente está chegando até o aluno, se a maneira que o fazemos é adequada, e ainda, por que o fazemos dessa forma, e se há outra maneira melhor de trabalhar determinado conteúdo.

Os alunos demonstram aguçada curiosidade por descobrir algo novo, e se o professor utilizar de estratégias para atrair-lhe a atenção, estará, além de conquistando sua atenção, garantindo-lhe um espaço seguro nessa sociedade globalizada e competitiva.

O docente deve de antemão, tornar o ambiente da sala de aula amistoso e saudável, de maneira que o aluno se sinta confiante e seguro no momento em que precise tirar dúvidas para não passá-las adiante. E quando o professor demonstra preocupação para com a aprendizagem do seu aluno e transforma a sala numa atmosfera agradável criando laços de cooperação e de amizade dentro e fora do ambiente escolar, é que poderá sentir que seu trabalho vale a pena.

Assim como a avaliação e a autoavaliação devem andar de “mãos dadas”, também o ensino e a aprendizagem devem estar juntos, e ambos, trabalhados em conjunto com professores e alunos, razões pelas quais a educação acontece, sempre com o compromisso de oferecer à sociedade uma plêiade de jovens envolvidos com a educação, com o trabalho, com a sociedade. E o resultado de tudo isso será um futuro mais justo, promissor, mais igualitário.

A maneira de avaliar-se, portanto não é única, é antes, mutável, flexível, dependendo da escola onde se leciona, de uma turma para outra, dos assuntos trabalhados, do horário (diurno ou noturno), e o professor deve considerar tais mudanças na prática de ensino.

A avaliação escolar quanto ao ambiente, professores e alunos deve ser um processo contínuo e participativo, envolvendo todas as partes, direção, professores, alunos e pais, baseado na confiança e no trabalho em equipe. Deve estar intimamente ligado aos objetivos plenos da escola, no apoio ao processo ensino-aprendizagem.

Os resultados desta avaliação devem ser comunicados a todos e deve-se agregar ao relatório da escola, buscando melhorias na qualidade do ensino.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHIENSE, V.L.A.; VILARINHO, M.C.G.; SILVA, E.F. **Avaliação da Aprendizagem**. Teresina: Editora Faibra, 2013.

BIBIANO, B. **Autoavaliação: como ajudar seus alunos nesse processo**. Nova escola, ed. 230, 2010

HAYDT, R. C. **A Avaliação do Processo Ensino – Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2004.

ESTEVES, O. P. **Testes, medidas e avaliação**. Rio de Janeiro: Arte e Indústria, 1973.

HAYDT, R. C. **A Avaliação do Processo Ensino – Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2004.

HERNÁNDEZ, F. **Transgressão e Mudança na Educação: Os projetos de trabalho**. Trad. Jussara Haubert. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

HOFFMANN, J. **Avaliação na pré-escola: um olhar reflexivo sobre a criança**. 5ª ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

LUCKESI, C.C. **Verificação ou Avaliação: o que pratica a escola?** São Paulo: FDE, Série ideias, n. 8, 1998.

NICOLIC, V.; CABAJ, H. **Estou ensinando bem? Estratégias de autoavaliação para professores**. São Paulo: Loyola, 2001.

PERRENOUD, P. **Avaliação – Da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

Revista Construir Notícias. **Multiculturalismo**. Recife – PE, ano 12, maio/junho 2013.

RUARO, D. A. **Fundamentos Epistemológicos da Relação Professor/Aluno**. Revista Construir Notícias. Recife, Ano 12, março/abril 2013.

Revista Construir Notícias. **Da Paixão de Ensinar à Paixão de Aprender**. Recife – PE, ano 10, março/abril 2011.

APÉNDICE

AVALIAÇÃO ESCOLAR QUANTO:
AO AMBIENTE, AOS PROFESSORES E ALUNOS.

ENTIDADE ESCOLAR: E.E.E.F.M. “Maestro José Siqueira”

NOME: _____

FUNÇÃO QUE OCUPA NA ESCOLA: _____

PARA TODAS AS FUNÇÕES:

1. Como você considera o espaço físico da sua escola?

Ótimo Bom Regular Péssimo

2. Está faltando algo que impossibilite a realização de atividades dentro do ambiente escolar? Sim Não

Caso sua resposta seja “Sim”, citar a carência.

3. Como você avalia a merenda escolar:

Ótima Boa Regular Péssima

4. Quanto ao material de expediente, como folhas, material para xerocopiar documentos e atividades dos alunos, entre outros:

Ótimo Bom Regular Péssimo

5. Os espaços físicos, a saber, banheiros, auditório, biblioteca, laboratórios de informática e de química, cantina, sala de multimídia:

Todos funcionam em perfeito estado

Nenhum deles funciona

Alguns funcionam, outros não

CASO VOCÊ SEJA ESTUDANTE:

1. O ambiente da sua sala de aula possui:

- Carteiras e cadeiras em bom estado de conservação
- Lousa
- Birô para os professores
- Janelas, tornando a sala arejada
- Ventilador(es)

2. Quanto aos professores:

- Todos os professores são assíduos
- Apenas alguns professores são assíduos
- Alguns utilizam livro didático
- Todos utilizam livro didático
- Gosta do método como todos trabalham os conteúdos
- Não gosta do método como alguns professores trabalham os conteúdos

3. Quanto a VOCÊ como estudante:

- Procura cumprir com todos os afazeres escolares
- Não cumpre com todos os afazeres escolares
- É participativo em sala de aula, respondendo a perguntas ou tirando dúvidas com o professor quando necessário
- Não participa da aula por timidez ou por não compreender o assunto
- Procura colaborar, sempre que possível, com seus colegas
- Não colabora com seus colegas
- Preserva o ambiente da sua sala e da escola
- Não se preocupa em preservar, já que essa tarefa é de gestores e funcionários

CASO VOCÊ SEJA PROFESSOR:

1. Quanto às turmas que leciona:

- Identifica-se com todas elas
- Não se identifica com todas as turmas

Caso você não se identifique com alguma turma, citar a razão:

2. Quanto ao planejamento de suas atividades:

- Planeja todas elas, pois tem tempo para isso
- Não planeja todas elas, pois não tem tempo suficiente para isso

3. Quanto aos recursos como biblioteca, sala de multimídia e de informática: Utiliza com frequência tais recursos

- Utiliza com pouca frequência tais recursos

4. Quando está diante dos alunos:

- Nunca sorri, para não perder o respeito dos alunos
- Sorri, para que eles se sintam mais à vontade, mais confiantes e mais próximos

5. Quanto aos colegas de profissão:

- Compartilha, troca ideias e materiais com eles
- Procura fazer seu trabalho sem interferências ou opiniões de terceiros

6. Quanto às atividades extraclasse, como realização de eventos, festas culturais, projetos da escola, você:

- Participa e tenta sempre se encaixar em alguma atividade
- Nunca participa, por estar sempre ocupado
- Só participa quando convidado

7. Quanto aos seus superiores, você:

- Sente-se à vontade e sempre que necessário, procura-o(a) para ajudar a resolver problemas quando surgem
- Procura sozinho(a) resolver os problemas, pois não acha necessária a participação de diretor(a), vice-diretor(a), ou ainda supervisor(a) na resolução de contratemplos

8. Quanto ao conteúdo programático, você:

- Segue o programa de acordo com o planejamento anual
- Modifica caso seja necessário em função do grau de dificuldade ou conhecimento da turma

9. Quanto à assiduidade:

- É sempre pontual, não só no horário de aula como também no cumprimento das atividades bimestrais
- Nem sempre é pontual com as aulas, por razões como morar distante da escola, e, no caso dos exames bimestrais, estes não são tão importantes para o bom andamento da escola

10. Finalmente, você:

- Sente-se feliz como professor e não queria outra profissão
- Não se sente feliz como professor, e se pudesse, mudaria de profissão